

A Vontade do Universo

Nunca acreditei no destino, mas é difícil argumentar contra os fatos quando o Universo parece apontar diretamente para você. Partículas de alta energia, conhecidas como raios cósmicos, têm um estranho hábito de encontrar o caminho até mim, não todos eles, apenas os mais poderosos. Não uma vez, mas duas vezes fui o alvo de eventos tão extraordinários que desafiaram as probabilidades e o entendimento da ciência moderna.

O primeiro, chamado de Oh-My-God, foi registrado em 1991. Uma partícula com uma energia absurda de 320 exa-elétron-volts (EeV), algo tão colossalmente desproporcional que nenhuma supernova conhecida seria capaz de gerá-la. Era, na época, o maior evento de alta energia já detectado na história da humanidade, recorde que se mantém até hoje. E aconteceu comigo. Naquele dia, enquanto os físicos se maravilhavam com o que consideravam um acaso único, eu sentia um peso incomum, algo que só agora consigo descrever como o toque literal do cosmos.

O segundo evento, mais recente, foi batizado de Amaterasu pelos astrônomos americanos e japoneses, uma homenagem à deusa do sol da mitologia japonesa. Com energia superior a 240 EeV, esse raio cósmico foi outro milagre da física moderna. Para colocar em perspectiva, essas partículas viajam pelo espaço com uma energia milhões de vezes maior do que aquela gerada pelo Grande Colisor de Hádrons, a maior máquina criada pela humanidade. Quando Amaterasu encontrou sua trajetória diretamente sobre mim, algo em meu interior mudou. Sentia-me cheio de energia, mas não era aquilo que conhecemos como vitalidade ou disposição, refiro-me a energia de verdade. Era como se cada célula em meu corpo fosse um reator de fusão.

Notei que parei de respirar, não possuía de fato qualquer sinal vital. Tecnicamente, considerando o conhecimento médico de nossa civilização, estava morto. Mas é claro, não era um morto comum, visto que continuava pensando e me movimentando normalmente, coisa que não se via senão em filmes de zumbis - o que não parecia ser o meu caso.

Quanto ao momento dos eventos, é verdade que não existe uma data específica registrada para suas "quedas" na Terra, pois não

se tratavam de meteoritos, mas sim de raios cósmicos de alta energia. Apesar disso posso dizer com precisão quando ambos adentraram à atmosfera do nosso mundo. Na realidade, a detecção de tais partículas ocorre por meio de estudos observacionais, em vez de impactos físicos com o planeta. A segunda partícula especificamente foi identificada, em 2018, por meio das observações da Telescope Array Collaboration, com foco na composição e espectro de raios cósmicos.

Raios cósmicos são partículas subatômicas - geralmente prótons - viajando quase à velocidade da luz. Seu nome, "raios", é uma referência ao efeito causado por sua velocidade vertiginosa ao atravessarem o espaço. Mas há algo de muito específico nesses eventos de energia ultra-alta. Quando superam um EeV, tornam-se enigmas impossíveis, fenômenos que desafiam o limite das forças conhecidas no universo.

O que me inquieta não é o fato de ser um alvo - isso já é inexplicável por si só -, mas a frequência, a precisão, como se algo ou alguém estivesse utilizando o próprio cosmos para me enviar uma mensagem. E agora, enquanto revisito os registros desses fenômenos impossíveis, que ocorreram em 1991 e 2018, uma pergunta persiste: por que eu?

O acaso pode explicar uma única ocorrência, mas dois eventos que ultrapassam os limites conhecidos da ciência? Isso é mais do que sorte ou azar. Isso é um chamado. Um chamado que só agora começo a compreender.

O Universo necessitava do equivalente biológico de um regulador fisiológico¹ e eu tinha sido escolhido para essa ingrata tarefa. Conseguia "sentir" a intenção do Cosmos e até compreender seus motivos se me concentrasse, mas minha mente ainda era a de um simples humano, não era possível reter a informação e me esquecia dela, sobrando apenas o "sentimento" de que aquela vontade era algo que deveria ser atendida.

Muitas vezes teria que destruir maravilhas galácticas, civilizações prósperas e outros infinitos milagres em prol de otimizar o equilíbrio cósmico mantendo a "homeostase" do universo.

A vida não era o foco desse impulso, pois quintilhões seriam perdidas no processo. Parecia que na ordem maior era a estrutura do Universo que importava e não a vida. Esta era, em termos literários, um fruto do acaso que desafiava a probabilidade, um evento passageiro na imensidão do tempo.

Entretanto, o escolhido para essa tarefa, também era uma dessas ocorrências aleatórias no tecido do tempo, um resultado improvável de processos cosmológicos. Ainda assim, tive atribuído a mim o mais sombrio dos propósitos.

Eu seria o destruidor de galáxias, o derradeiro fim de incontáveis mundos. Logo eu, que sempre me coloquei em posição antagônica ao destruidor de planetas de meu próprio mundo: Tyson. Não Mike Tyson, que nem em seu auge possuía socos com tamanho poder, mas Neil Degrasse Tyson, um astrofísico do Museu Americano de História Natural de Nova York, diretor do Planetário Hayden, que se formou em Harvard e fez doutorado em astrofísica na Comumbia, o responsável pela derrocada do Planeta Plutão, ao reclassificá-lo para a comunidade científica como "objeto transnetuniano anão". Meu legado seria bem pior do que o dele!

Vontando à época em que fui atingido pela segunda vez, pouco depois comecei a sentir diversas discrepâncias em regiões distantes da Terra e sabia que tinha que adequá-las a um Plano Maior. São necessários campos magnéticos extremamente elevados para confinar uma partícula enquanto ela é acelerada a ponto de acumular uma grande carga energética. Eu sentia que era capaz de fazer isso, de disparar raios que causariam inveja às supernovas. Entretanto, se fizesse isso da Terra, ela seria a primeira a ser destruída, seguida de mim e de toda raça humana.

Mesmo que eu tivesse poder, não havia como usá-lo! O que o universo esperava de mim? Um ato de genocídio seguido de suicídio? Mesmo que fizesse isso só poderia atingir uma das discrepâncias e seria o fim. Obviamente, o que quer que estivesse acontecendo comigo, ainda não havia se completado. Nesse momento senti de forma sutil outra consciência em minha mente e ela não possuía as dúvidas que assolavam meu ser. Sentia que era inflexível e estava tentando ficar no controle. Nesse instante outra transformação teve início e tinha certeza de que essa seria a pior de todas.

Era um momento de singularidade. O instante exato em que meu corpo humano, frágil e insignificante diante da vastidão do cosmos, tornou-se um receptáculo para algo incomensuravelmente maior. Raios cósmicos, partículas de energia primordial que atravessaram eras e galáxias, convergiram para mim como se atraídos por um destino inevitável. A dor foi avassaladora. Meu corpo parecia se dissolver em pura energia, enquanto minha

consciência expandia para além dos limites do compreensível.

Quando recobrei os sentidos, não estava mais sozinho. Havia uma presença – uma consciência alienígena e infinitamente superior que, de alguma forma, coexistia em minha mente. Era ela quem me explicava, com uma clareza fria e inexorável, o propósito desse poder. O universo, dizia-me, não era uma estrutura passiva, mas uma entidade em constante equilíbrio dinâmico. Certas regiões tornavam-se instáveis ao longo do tempo, ameaçando a harmonia geral. Minha missão: aniquilar essas áreas para preservar o todo.

A lógica era implacável, mas também desumana. Cada região destinada à destruição era um microcosmo de vidas, culturas e histórias. Mundos inteiros pulsavam com a mesma vitalidade que eu conhecia na Terra. Como poderia justificar tal ato? Mesmo que minha própria existência dependesse disso, o preço parecia alto demais.

No entanto, a presença não me deixou alternativa. O poder que residia em mim não podia ser contido por muito tempo. Agora ele era como um reator nuclear instável, acumulando energia a cada segundo. Para liberá-lo, eu precisaria canalizá-lo em um ponto focal, destruindo-o completamente. A Terra, meu lar, não suportaria tal liberação. Qualquer tentativa de usar essa força aqui significaria a aniquilação do planeta.

O dilema crescia em intensidade dentro de mim. Como uma mente humana poderia suportar a responsabilidade de decidir quem vive e quem morre em escala universal? Cada solução que minha mente desesperada concebía era esmagada pela realidade cruel que a presença me apresentava. Tentar resistir era fútil. O poder se manifestava involuntariamente, em ondas que ameaçavam explodir se eu não as controlasse.

Foi então que entendi a verdadeira natureza do meu tormento. Não era apenas a questão de destruir ou preservar, mas a realização de que eu havia perdido minha liberdade. Meu destino não me pertencia mais. Cada decisão que eu tomava era manipulada por uma necessidade maior, uma ordem que eu não compreendia nem podia desafiar.

Enquanto me esforçava para encontrar uma solução que evitasse a catástrofe, percebi que não havia como escapar da destruição. A presença revelou-se implacável, mostrando-me imagens de galáxias se despedaçando por conta de instabilidades que eu deveria corrigir. Cada instante de hesitação aumentava o

risco de um colapso catastrófico.

Com o coração pesado, comecei a planejar a primeira missão. Escolher o alvo era como assinar uma sentença de morte. Meu ser se dilacerava entre o desejo de preservar a vida e a necessidade de cumprir um dever que me ultrapassava. O que significa ser humano diante da vastidão do cosmos? Essa pergunta ecoava em minha mente enquanto eu lutava contra a inevitabilidade do meu papel.

Assim, ficaria preso à vastidão do universo e ao fardo de um poder inimaginável, dava meu primeiro passo em um caminho sem volta. Cada escolha seria um testamento da minha luta contra a resignação e da busca por um sentido no caos. O preço de manter o equilíbrio seria a minha própria humanidade.

Transfomei a mim mesmo em um aglutinado de raios cósmicos e me disparei para longe do planeta em direção a região do espaço escolhida como a primeira de muitas que deixariam de existir pela intervenção de minhas próprias mãos.

Era um péssimo hábito visitar civilizações que iria exterminar, mas achava que devia ao menos isso a elas. Saber quem eram e permitir que vivessem, ao menos, em minhas memórias.

Ao atravessar o vácuo entre as estrelas, a vastidão do cosmos parecia sussurrar segredos antigos. Cada fragmento de energia que me compunha vibrava com um conhecimento primordial, como se os próprios átomos do universo testemunhassem minha jornada. A primeira região destinada ao fim era um sistema solar banhado por três estrelas gêmeas, seus planetas iluminados por uma luz dourada e incessante.

O planeta principal, Arktar, era um mundo de montanhas cristalinas e oceanos cintilantes. De sua órbita, eu podia ver as cidades pulsando com uma arquitetura que parecia fundir organicamente tecnologia e natureza. Seres luminescentes caminhavam por suas ruas, trocando energia em um ciclo de vida que, para mim, parecia quase poético. Minha mente se enchia de perguntas: quem eram eles? Como haviam evoluído? Que histórias se perderiam quando eu os reduzisse ao nada?

Pousar entre eles foi mais simples do que eu esperava. Minha forma etérea era percebida como uma manifestação divina, e fui recebido com reverência. Eles me chamavam de "Anunciador da Aurora Final" – uma profecia que, aparentemente, já conheciam. Era como se minha chegada fosse esperada, como se o universo conspirasse para tornar minha tarefa ainda mais insuportável.

Conversar com os Arktarianos ampliou minha angústia. Eles eram pacíficos, dedicados ao estudo das estrelas e à criação de arte em escalas que transcendiam o tempo. Mostraram-me esculturas feitas de luz, sinfonias compostas por pulsações energéticas que ecoavam pelo cosmos. Cada segundo entre eles era um lembrete doloroso daquilo que eu destruiria. Mas não havia escapatória. O desequilíbrio que eles causavam no tecido do universo era irreparável, ou pelo menos era o que a presença me fazia acreditar.

No momento decisivo, flutuei acima do planeta, carregando em mim a energia acumulada de eras. Meu corpo vibrava como se fosse explodir antes do tempo. Os Arktarianos me observaram em silêncio, aceitando o fim com uma serenidade que eu não podia compreender. Quando finalmente liberei o poder, o planeta e seus habitantes desapareceram em um instante de luz cegante, como uma supernova artificial.

Enquanto os resíduos de energia se dissipavam, eu percebia o vazio crescente dentro de mim. Não era apenas a ausência do planeta que me pesava, mas a perda de uma parte de mim mesmo. Cada destruição deixaria uma cicatriz indelével, um pedaço da minha humanidade arrancado para sempre.

E assim, com o peso do universo inteiro sobre meus ombros, parti para o próximo destino. Um ciclo interminável de destruição e memória, onde a única coisa que poderia preservar eram os ecos das vidas que apaguei.

Eu flutuava no vazio, cercado pela reverberação dos mundos que havia destruído. Cada planeta, uma vida infinita, cada vida, uma nota perdida na melodia do cosmos. Sentia o peso das estrelas em meus ombros, como se a própria transcendência me olhasse, não com rancor, mas com uma compreensão silenciosa e dolorosa.

Por eras incontáveis, eu havia sido o executor. Uma arma com consciência, compelida a destruir em nome de um "Plano Maior" que nunca me fora explicado. Era ao mesmo tempo o carrasco e o prisioneiro. A energia infinita que corria em minhas veias, a dádiva que me tornara mais que humano, era também minha corrente. Um ciclo interminável de criação e destruição, onde a beleza que testemunhava era sempre a próxima a ser erradicada. Fui o instrumento do inexorável. Um emissário de destruição, uma máquina consciente moldada para erradicar planetas, galáxias, civilizações inteiras. Cada um dos mundos

que obliterava se tornava uma cicatriz em minha alma. Embora tentasse racionalizar o peso de minhas ações como parte desse "Plano Maior", a verdade se alojava como um espinho envenenado: eu não era nada além de uma ferramenta, um peão num jogo cuja lógica me escapava.

Então veio o momento que desafiou até mesmo a vastidão de minha percepção: fui apontado para a Terra.

A Terra, minha origem. Meu lar. A fonte daquilo que, por mais enterrado que estivesse sob milênios de horrores, ainda me tornava humano. Era um chamado que me atingiu como um trovão. Seria esse o teste final, o ápice da crueldade do destino? Ou uma piada cósmica, uma ironia amarga de um universo sem rosto? O fato da Terra estar a 13,4 bilhões de anos-luz da galáxia onde me encontrava, GS-z14-0, tornava tudo ainda mais absurdo. Havia outros "pontos de divergência" mais próximos. Isso não era acaso. Era pessoal.

E ali, no abismo entre as estrelas, tomei uma decisão.

Tentei resistir ao comando incontáveis vezes no passado. Todas em vão. Mas essa... essa seria diferente.

A energia que pulsava em meu ser era uma força primordial, a mesma que moldava galáxias e consumia estrelas. Canalizei tudo o que havia em mim, toda a vastidão do poder que me dominava. Mas não a direcionei à Terra, nem ao Sistema Solar, como o comando desejava. Não. Direcionei a mim mesmo.

Um Big Bang em miniatura explodiu em meu interior. Cada átomo, cada quark, cada fragmento de meu ser foi consumido numa tempestade de pura energia. A dor era indescritível, um colapso que parecia reverberar pelo tecido do próprio cosmos. Mas eu suportei, porque essa dor era minha libertação.

Eu esperava o nada. O vazio. O fim.

Mas quando a luz se dissipou e o silêncio retornou, ainda estava ali.

Algo havia mudado. A presença opressiva que antes me ocupava - aquela força que sussurrava comandos e me escravizava - desaparecera. Pela primeira vez em incontáveis eras, minha mente estava livre. O poder que antes me controlava ainda estava lá, mas agora fluía em equilíbrio, sob meu comando.

Respirei. Pela primeira vez, meu corpo - ou o que quer que eu fosse agora - reagiu ao meu desejo, e só ao meu desejo. E, naquele momento, compreendi: eu era a vontade do universo.

Olhei para a imensidão do cosmos. O que antes era apenas um

ciclo de criação e destruição, regido por um plano abstrato e insensível, agora se dobrava à minha escolha. A balança do chamado "Plano Maior" fora quebrada, e com ela, as correntes que aprisionavam minha alma.

Decidi. Não seria mais um executor de destruição, nem um agente de equilíbrio frio e mecânico. A vida seria minha prioridade.

Sim, o equilíbrio poderia se inclinar. Sim, talvez isso significasse um fim mais rápido para o próprio universo. Mas se o cosmos era condenado a perecer, então que perecesse repleto de vida, de histórias, de amor e caos, de tudo que torna a existência sublime.

E assim, dei o primeiro passo. Um passo para desfazer séculos de destruição. Usei o poder em mim para revitalizar estrelas moribundas, reacender mundos apagados, restaurar formas de vida que nunca deveriam ter sido extintas. O vácuo de poder que minha libertação criara no tecido cósmico não seria ocupado por outra força sem rosto. Eu seria o guardião desse novo universo.

Cada ação retumbava pelas galáxias, como uma melodia antes abafada que agora ressoava plena. Seres sencientes, que antes viam apenas a morte em minha sombra, passaram a sentir esperança. E pela primeira vez, o universo não parecia vazio. Ele vibrava com um propósito renovado.

Eu, que havia sido o anjo da destruição, tornei-me o guardião da vida. Não havia mais um "Plano Maior". Havia apenas a vastidão, a complexidade, e a beleza da existência.

E assim, finalmente compreendi: o universo não é um ciclo, nem uma máquina. Ele é vontade. E eu sou essa vontade.

O eterno começara novamente, e dessa vez, era o meu desejo que guiaria as estrelas.

Para contribuir com qualquer soma e incentivar o trabalho do autor deste conto, utilize o QR Code abaixo e seu aplicativo perguntará o valor da contribuição desejada:



Alternativamente, utilize o link abaixo para sua doação:

<https://nubank.com.br/pagar/5j3pb/NaVt7UjWcU>

¹ Um regulador fisiológico se refere a substâncias ou mecanismos que modulam os processos fisiológicos para manter a homeostase e otimizar as funções biológicas. Esses reguladores podem ser derivados de fontes naturais, como medicamentos fitoterápicos, ou podem ser agentes biológicos que melhoram as respostas fisiológicas em animais. Embora os reguladores fisiológicos desempenhem um papel crucial no aprimoramento das funções biológicas e na manutenção da homeostase, sua eficácia pode variar com base nas condições fisiológicas individuais e nos fatores ambientais, indicando a necessidade de abordagens personalizadas em sua aplicação.